

WORKAHOLICS

*Este conto é parte integrante da obra do autor “Heterônimos & Pseudônimos – Em busca do eu interior”. **(Ainda não publicado - Em busca de uma editora).**

Depressão, estresse, fadiga, cansaço, intriga, fofoca, ódio e todas as cores fúnebres faziam parte do cenário daquela grande caixa cheia de divisórias e figuras robotizadas, chamada “escritório”. Os Workaholics faziam as finanças subirem lentamente. O cansaço gerava a lentidão daquelas pobres figuras arqueadas e estressadas. – 12h por dia de trabalho de segunda à sexta-feira e, quando necessário, 8h também aos sábados... Rotina, rotina, rotina. - Miséria é ganhar razoavelmente bem.

... ..

Sexta-feira, 21h, fim de expediente, para a maioria, “graças a Deus”. O cansaço bate. Os pés e a cabeça estão latejando. As roupas estão molhadas de suor. Uma pequena figura lânguida corre ao meio do grande cenário gótico de fúnebres e amontoados prédios acinzentados.

- Não sei onde coloquei a droga da gravata, mas tanto faz, não vou voltar para aquele inferno por causa deste trapo insignificante.

Justino Arruda caminha desleixadamente até o azulado Fiat 147. Com a camisa desabotoada, zíper da calça semiaberto, pés descalços e sapatos na mão, tenta abrir com certa dificuldade a problemática porta do carro.

- Justino, Justino. Dá uma carona, mano? To atrasado pra faculdade! – Grita Reinaldo, o Office boy da empresa.

- Putz, nem vai dar meu. Já estou atrasado pro meu compromisso. – pronuncia Justino dentro do carro, seminu.

- Caramba, já era. Vou perder novamente a primeira aula... tenho que arrumar um trampo mais perto da facu... Falo mano, boa sorte lá no seu compromisso. – O rapaz caminha lastimoso em direção até o ponto de ônibus.

- Humm, perfume francês, calça semibag, camisa de linho, sapatos importados e um gelzinho vai dar o toque especial, as gatas vão cair matando. – Diz Jacinto, checando minuciosamente cada item de sua vestimenta, finalizando com uma grande e demorada olhada no visual através do retrovisor do carro.

Bar Nights – um barzinho badalado de Moema, freqüentado pela classe média alta. – Justino prefere deixar o carro em um estacionamento há duas quadras do local, sendo que três outros ficavam bem mais próximos. Vergonha? Com certeza. O lambido e esguio rapaz, prefere não infiltrar seu carro junto aos importados. A aparência impecável e a roupa de griffe, poderiam trazer status, o velho carro não... Quem sabe hoje não seria o grande dia?

Umás 60 pessoas inquietas já aguardavam na fila para adentrarem-se no Barzinho. Mulheres com roupas cintilantes e modernas, talvez de estilistas europeus, tagarelavam em um tom arrogante. Os rapazes, mais discretos, abusavam do preto e apenas ouviam e concordavam com as jovens faladeiras. Na frente do nosso protagonista, duas garotas aparentando uns 25, 26 anos. Vez ou outra, uma das moças dava uma espiadinha e lançava um sorriso. A outra, um pouco mais séria, virou-se apenas uma única vez e checkou o rapaz de cima em baixo e, logo após, cochichou algo no ouvido da amiga.

No início da fila, duas muralhas de preto checavam os clientes com seus detectores de Metais - a vez de Jacinto estava se aproximando. – Tudo okay. O rapaz adentrou-se no enevoadado, escuro e dançante recinto. Com as mãos no bolso, balançava a cabeça sincronicamente com o contagiante som *Dance Music* que rolava na pista. Do outro lado da pista principal, próximo ao barzinho, a sorridente garota da fila de minutos atrás. Os cabelos ruivos e o grande sorriso eram perceptíveis, mesmo num ambiente escuro, enevoadado e lotado de pessoas dançando freneticamente. Com passos curtos, o coração batendo desritmadamente e os olhos cintilando como duas pequenas estrelas, o tímido rapaz aproxima-se cautelosamente da risonha garota, se senta e pede ao barman uma dose do whisky Black Label 12 anos e mantém-se atento aos mais leves gestos da angelical ruiva que, educadamente, molhava sensivelmente os lábios na vodka Stolichnaya.

15 minutos se passaram. Jacinto já estava na segunda dose e, percebeu uma certa inquietação da amiga não tão risonha. 2 eternos minutos depois, finalmente a inconveniente amiga se levanta e caminha em direção ao toalete. – Aquele era o tão esperado e oportuno momento da noite. O rapaz prefere não pensar muito, pois sabe que se o fizer, não irá flertar com a garota, a senhora timidez o impediria.

O coração parece que vai saltar do peito a qualquer momento. As mãos estão tremulas, mas, imperceptível para o público, pois disfarçadamente, a tremedeira parecia sacudir propositalmente o copo com whisky e gelo.

- Oi, será que um solitário rapaz poderia sentar-se ao seu lado? – Diz forçadamente Jacinto, se sentando apressadamente ao lado da garota.

- Já sentou... – diz a ruiva, ironicamente.

- Meu nome é Robert, Robert Green. Sou engenheiro naval, projeto navios - blefou descaradamente.

- Robert Green? Seus pais deveriam gostar muito do verde, não é mesmo? – diz a garota abrindo um eterno e extenso sorriso.

- É, é sim, adoravam o verde... green, verde – sorriso amarelado.

- E onde você projeta seus navios? – Pergunta a garoto com o semblante aparentando curiosidade.

- Num estaleiro! – Pronuncia Jacinto, aceleradamente.

- Num estaleiro? Mas onde? – A garota parece interessada em saber mais sobre a profissão do rapaz.

- Em Santos. No Porto de Santos. – A preocupação paira no ar. Jacinto é assistente administrativo de uma empresa de cosméticos, totalmente leigo no assunto de engenharia naval e, arrepende-se profundamente de ter mentido sobre sua profissão e antes que a garota fizesse outras inconvenientes perguntas, muda abruptamente de assunto.

- E o seu nome? Diga o seu nome...

- Adriana Ptzer. Sou bioquímica, filha de empresários do ramo de cosméticos. – Pela primeira vez, Jacinto vislumbra a beleza na seriedade da garota.

- Ptzer, Ptzer... Acho que já ouvi esse nome antes, mas não consigo me lembrar onde. – O rapaz pede ao Barman mais uma dose, só que desta vez de vodka Stolichnaya.

- Vem sempre aqui? – pergunta a garota, tentando animar a conversa.

- Não muito, costumo diversificar bastante para não cair na mesmice. E sua amiga? Ela é bem séria não é? – Jacinto frequenta lugares como o Bar Nights apenas uma vez ao mês. Seu salário como assistente administrativo é baixo e aproxima-se ao valor de três salários mínimos ao mês e, uma única balada como esta, consome cerca de 1/3 do seu salário mensal. As roupas de Griffe são compradas às duras prestações, mas, o arrependimento não existe, às vezes é bom ser rico, nem se for por um único dia do mês.

- Você é bem observador, hein? Ela é minha irmã, um ano mais velha. Falando nela, olha quem vem ali? – Risos.

Jacinto demonstra inquietude enquanto a irmã inconveniente aproxima-se. A dureza no olhar e a desagradável seriedade da irmã, poderia estragar a noite.

- Rosane, este é o Robert, Robert Green – risos.

- Oi, tudo bem Robert? Já não nos vimos antes? – Pergunta Rosane com sua voz rouca.

- Sim, acho que foi na fila, lá fora. – Pronuncia Jacinto, sem dar muita atenção para a garota.

- Não, não.... Acho que foi em outro lugar, mas não consigo me lembrar onde... - A séria garota, Rosane, dá uma pausa. Com o olhar pensativo e com uma das mãos no queixo, não consegue se lembrar de onde conhecia Robert Green, ou melhor, Jacinto Arruda.

A pausa dura uma eternidade. As Três figuras ficam estáticas e sem graça, até que Rosane olha para o seu delicado relógio de pulso Rolex e, pronuncia algo.

- Ai, já está ficando tarde. Minha cabeça já está doendo e amanhã tenho que ir trabalhar cedo. Vida de Workaholics é assim, trabalho, trabalho e trabalho.

- E você, Robert, também é viciado em trabalho? Pergunta Adriana.

- Um pouco, sabe como é, projetar navios não é nada fácil e principalmente, rápido. Muitas vezes, faço hora extra. Pode-se dizer que também sou um Workaholic.

- Eu não. Deixo esse negócio de Workaholics com vocês. Papai é dono da empresa, trabalho quatro horas por dia e dedico outras quatro para estudar. Quero curtir a vida, sem deixar de trabalhar, claro, mas não TANTO como vocês.

- Está completamente certa, Adriana. – Robert dá um sorriso meio abafado.

- Bom, então vou indo. Você pega um táxi depois Dri? – Pergunta Rosane a irmã.

- Não se preocupe Ro, eu me viro. – Diz Adriana, mostrando-se completamente independente.

- Então tá. Boa diversão para os que ficam... bye.

Finalmente, a inconveniente garota vai embora. Jacinto está livre para conversar a vontade com Adriana, jogar seu charme sedutor e blefar descontroladamente, como sempre faz.

- E ai gata, quer beber mais alguma coisa? – Pergunta o pseudônimo de Jacinto.

- Não, não. Já bebi muito por hoje. Eu quero é dançar agora. Vamos?

- Opa, claro...

Duas figuras adentram-se na pista. O DJ finalmente mudou o ritmo do som, de *Dance Music* para *Tecno*. Todos os lançamentos do momento rolavam naquela noite. Jacinto, levando uma vida sedentária e não tão acostumado a dançar, levanta a bandeira branca após 25 minutos de euforia. Adriana queria dançar mais, mas, para não ficar deselegante, acompanhou o rapaz novamente para mais uma bebida e unanimemente, os dois pediram um badalado energético.

- Puxa, já vai dar 2 da manhã. Acho que vou indo... Você me dá uma carona? – Pergunta Adriana.

Essa era uma das perguntas que Jacinto jamais esperaria ouvir. Pois se esqueceu completamente que Rosane era a irmã mais velha de Adriana, então provavelmente, vieram em um único carro, o da inconveniente e chata irmã. Dezenas de desculpas surgem na mente de Jacinto, mas, nenhuma a altura daquele drástico momento. O que fazer? O que dizer? Como escapar daquela encantadora e ao mesmo tempo inesperada pergunta? - Vamos ver a resposta que o Sr. Jacinto vai dar para a garota?

- É... hummm. Claro, claro. Dou sim. – Jacinto engasga, engole e fica vermelho como um pimentão.

- Se não der tudo bem, eu chamo um táxi. – Diz a garota meio que desconfiada com a reação do rapaz.

- Não, não. Dá sim - o segundo sorriso amarelado da noite.

Bom, nas próximas linhas, nem eu sei o que irá acontecer. Vou ler juntamente com vocês, amigos leitores.

- Nooossaaa. Esqueci minha carteira na bolsa da minha irmã. Estou sem um tostão furado. – Diz Adriana, mordendo um canto do lábio inferior e com as duas mãos sobre a cabeça.

- Não se preocupe, deixa que eu pago. – Jacinto se arrepende profundamente de ter saído naquela noite e deveria ter plagiado o que um dos seus colegas do escritório fez. Ficar em casa, comer uma succulenta pizza de muzzarella e assistir ao filme Titanic pela milésima vez

Já no caixa, Jacinto pega os dois cartões com o código de barras e entrega para o rapaz cobrar. A próxima pergunta de Jacinto, quase que não sai da garganta.

- Quanto?

- Quatrocentos e oitenta e sete reais, mas, damos um desconto aos sábados para casais de 10%. – Diz o rapaz do caixa.

- Puxa, que bom. – Diz Jacinto, forçando os lábios para cima, disfarçando um descontraído sorriso, afinal, para a Adriana, ele era um engenheiro naval, aquele valor, na realidade, seria irrisório.

Na próxima segunda-feira, na hora do almoço, Jacinto teria que pedir um empréstimo para pagar as roupas de Griffe, pois acabou de gastar quase metade do seu salário. Agora vem a pior hora. O que dizer para a Adriana sobre o Fiat 147? O carro está caindo aos pedaços, cheio de revistas, papéis e roupas espalhados pelos bancos. O caminho entre o Bar Nights até o estacionamento há duas quadras onde estava o carro do desesperado rapaz, seriam os piores da sua vida. Não conseguia pronunciar nada, nenhuma desculpa, não sabia o que fazer. O desespero toma conta do rapaz. As pernas estavam bambeando. Faltava apenas uma quadra para chegar até o carro, até que, um lindo som de celular quebra o gelo. A garota atende.

- Alô? Oi mana, tudo bem? Sim, o Robert vai me dar uma carona. Ah, acredita que esqueci minha carteira na sua bolsa? Depois eu pego com você... ah, fala... É mesmo, lembrou? Eu já sabia desde o primeiro momento – a garota abre mais um eterno e longo sorriso, logo após, desliga o celular.

Está chegando. Faltam poucos metros para chegarem até o Fiat 147. O frescor da madrugada parece não auxiliar no desespero do rapaz, tornando nosso protagonista imóvel por alguns eternos segundos, até que resolve quebrar a rotina, enfiando as mãos nos bolsos da calça. Cabisbaixo, tenta pronunciar algo, mas nada sai. A garota dá outro belo sorriso e põe sua mão sobre o ombro do triste rapaz.

- Não se preocupe. Já sabemos de tudo.

- De tudo o quê? – Pergunta atônito o rapaz.

- De tudo... Sei que você não é engenheiro naval e que trabalha em uma empresa de cosméticos. A empresa do meu pai fornece material para a empresa que você trabalha e, um dia desses, eu e minha irmã fomos até lá para fechar um contrato com o Diretor Comercial e, adivinha quem nós vimos trabalhando lá? Você. Seu rosto é marcante, difícil de se esquecer.

- Puxa... então...

- Não precisa pedir desculpas. Às vezes eu também digo algumas mentirinhas, mas, a carona ainda está de pé, né?

- Está sim, claro.

Dois jovens adentram-se 50km por hora na noite da grande São Paulo, dentro de um Fiat 147. Pelo vidro retrovisor do carro, ao longe, poderíamos confundir os dois jovens com o formato de um grande coração.

"É difícil fazer previsões, especialmente sobre o futuro".

Yogi Berra

***Workaholic:** Expressão Americana muito usada para apontar os viciados em trabalho. Pessoas que não conseguem se desligar do escritório, ou grandes competidores que lutam com unhas e dentes por sucesso e dinheiro.

Autor: Ademir Pascale

e-mail: ademir@cranik.com

*Este conto é parte integrante da obra do autor "Heterônimos & Pseudônimos – Em busca do eu interior". **(Ainda não publicado - Em busca de uma editora).**

PROIBIDA REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL.